



O CANTO DO CABORÉ DE MINERVA: OS TRADUTORES CEARENSES DE HEGEL *

Minerva's caboré song: Hegel's translators from Ceará

Francisco José da Silva *

Resumo: O presente artigo pretende discutir inicialmente alguns aspectos do desafio das traduções de obras filosóficas em língua alemã, considerando aspectos e especificidades do idioma e suas dificuldades. Em um segundo momento o artigo concentra seu enfoque na tradução de obras do filósofo alemão G.W.F. Hegel (1770-1831), em especial as primeiras traduções em língua portuguesa feitas por tradutores cearenses, tais como Lívio Xavier, Djacir Menezes, Paulo Menezes e José Machado. São apresentados dados biográficos destes tradutores, além de sua produção sobre a filosofia hegeliana e a compreensão do trabalho de tradução por eles realizado.

Palavras-chave: Hegel. Tradução. Ceará.

Abstract: This article initially intends to discuss some aspects of the challenge of translating philosophical works from the German language, considering aspects and specificities of the language and its difficulties. In a second moment, the article focuses on the translation of works by the German philosopher G.W.F. Hegel (1770-1831), especially the first translations into Portuguese made by

* Artigo recebido em 18.11.2024 e aprovado para publicação em 07.03.2025.

O "canto do Caboré de Minerva" faz alusão a "coruja buraqueira" conhecida como Caboré ou Caburé, ave de rapina presente nas Américas, em especial no Ceará, cujo nome científico é *Athene cunicularia*, mitônimo que se refere à deusa Atena.

** Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (2020), professor adjunto da Universidade Federal do Cariri. E-mail: franz.silva@ufca.edu.br.

translators from Ceará, such as Lívio Xavier, Djacir Menezes, Paulo Meneses and José Machado. Biographical data of these translators are presented, in addition to their production on Hegelian philosophy and their understanding of the translation work they performed.

Keywords: Hegel. Translation. Ceará.

“nur Einer hat mich verstanden [...] und der hat mich auch nicht verstanden”

G. W. F. Hegel (por Heinrich Heine)

Introdução: o desafio de traduzir Hegel

Traduttore, traditore? Uma antiga tradição compara o trabalho do tradutor com o de um traidor (traditore), uma vez que nem sempre é possível ser fiel ao texto original. Isso decorre em primeiro lugar da disparidade e especificidade de cada língua, tornando o trabalho de traduzir uma ação extremamente complexa. Assim, a tarefa do tradutor não é de somenos importância, pois envolve uma habilidade hermenêutica em sua essência, que permite não apenas transpor suas ideias para uma outra língua, o que não se reduz a mera ação de substituição mecânica, mas compreender o autor em sua língua mãe e transmitir para uma outra, que por sua vez tem estruturas e características próprias e nem sempre se encontram equivalentes para suas expressões. A tradução é assim, mais que uma mera transposição, uma recriação dos conceitos de uma língua para outra.¹

Em artigo sobre *Filosofia e tradução: o caso especial do alemão*,² Theo Harden chama atenção sobre a tradução de textos filosóficos alemães, e em especial textos do Idealismo Alemão. Algo que tem sido um desafio para tradutores, editores e principalmente leitores, em razão da estrutura particular da língua alemã, uma língua germânica na qual encontramos, por exemplo, o uso de casos e declinações, a formação de palavras compostas (*komposita*), a existência de verbos cujas partes são separáveis (*trennbare verben*), com orações em períodos longos e intercalados que podem ser compreendidas a partir do conceito de *Verbalklammer* (ou *Satzklammer*),³ demandando do

¹ Cf. ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução. A teoria na prática*. São Paulo: Ática, 1986.

² HARDEN, T. *Filosofia e tradução: o caso especial do alemão*, in *Cadernos de. Tradução*, Florianópolis, v. 38, nº 2, mai-ago, 2018, p. 16-31.

³ Há uma estrutura de frase em alemão chamada de *Satzklammer*, que pode ser literalmente traduzida como “parênteses da frase”. Esses parênteses imaginários determinam a posição dos componentes da frase. Sendo assim, o parêntese do lado esquerdo indica a segunda posição e o parêntese do lado direito representa o final da frase. Dessa forma, quando houver

leitor um maior conhecimento para uma melhor compreensão do modo de filosofar dos alemães.

Como exemplo desse problema de base, Harden cita o ensaio de Mark Twain intitulado *"The Awful German language"* (Die schreckliche Deutsch Sprache, 1880),⁴ algo como "a terrível língua alemã", no qual o escritor inglês de forma bem-humorada se lamenta sobre as frustrações de um falante nativo de língua inglesa que aprende alemão como segunda língua, reforçando a dificuldade dos inúmeros parêntesis usados num simples período.⁵

No que diz respeito especificamente ao Idealismo Alemão, Harden destaca ainda:

German philosophy is quite a heterogeneous field, but it is safe to assume that when referring to it, the reference is normally made to the so called "German Idealism". This school of thought, if one would like to label it as such, has indeed a reputation, particularly from an Anglo-Saxon perspective, of being hermetic, obscure and inaccessible outside the German speaking world. This perception is to some extent, true and G. W. F. Hegel is reported to have said on his deathbed, that there was only one man who had understood him – and that he had misunderstood him.⁶

Percebe-se na citação acima uma dupla referência, a já conhecida dificuldade de compreensão da Filosofia alemã enquanto tal, potencializada pela própria complexidade da língua em que foi elaborada, e conseqüentemente ampliada no chamado Idealismo Alemão, considerado "hermético, obscuro e inacessível". Em contraste com essa percepção anglo-saxã, o próprio Hegel, no Prefácio à segunda edição da *Ciência da Lógica* (1831), apresenta certa vantagem da língua alemã em relação a outras línguas, na determinação mais precisa dos conceitos:

É muito importante que numa língua os determinantes do pensamento sejam realçados sob a forma de substantivos e verbos, e assim carimbados na forma objetiva; nisso a língua alemã tem muitas vantagens sobre as outras línguas modernas; mesmo algumas das suas palavras têm a particularidade de ter não só significados diferentes, mas também significados opostos, de modo que nisto nem mesmo um espírito especulativo da língua deve ser concebido.⁷

mais de um verbo ou partes de um verbo em uma frase afirmativa, as seguintes regras se aplicam: 1) O verbo ou parte do verbo fica na segunda posição e é conjugado; 2) os outros verbos ou partes do verbo ficam no final da frase. Sua forma não é adaptada ao sujeito e permanece sempre a mesma. Acesso em: <https://learn german.dw.com/pt-br/syntaxe-satzklammer/gr-46227978>.

⁴ TWAIN, Mark. *The Awful German Language / Die schreckliche deutsche Sprache* (Englisch-Deutsch) Übersetzt und kommentiert von Holger Hanowel, Ditzingen: Reclam, 2018.

⁵ TWAIN. *The Awful German Language*, p. 12.

⁶ HARDEN, Filosofia e tradução: o caso especial do alemão, p. 18-19.

⁷ HEGEL, G. W. F. *Wissenschaft der Logik I (Werke 5)*. Frankfurt am Main: STW, 1986, p. 20.

Em que pese as dificuldades de conhecer a língua do autor, devemos considerar também as vantagens resultantes do empreendimento que é traduzir a filosofia de Hegel, torná-lo compreensível aos nossos esquemas linguísticos e modo de pensar. No que diz respeito às traduções da sua obra, chamaremos atenção para os primeiros a explorar o texto hegeliano, transpondo-o para nossa língua de tal modo que nos permitisse esse acesso essencial ao filósofo.

Para um tal empreendimento arriscado faz-se necessário todo cuidado, como quem anda entre Cila e Caribdis, pois aqui o conhecimento da língua alemã sem a compreensão de sua filosofia pode levar a verdadeiros desentendimentos da obra, verdadeiras “traições”, pois como nos alerta Bavaresco:

Sobre a questão da linguagem peculiar da obra de Hegel, cabe citar e analisar algumas afirmações, que exemplificam muitas outras da mesma ordem. Uns, por exemplo, dizem que o linguajar de Hegel é obtuso, pouco inteligível; alguns autores, afirmam que a linguagem de Hegel é obscura, que cabe ser iluminada; uns defendem que as complexidades do alemão de Hegel são difíceis de deslindar até para os que falam a língua alemã (mesmo que saibam as peculiaridades de sua língua, pois nela certos termos têm, com frequência, toda uma gama de significados e usos a que não corresponde exatamente uma única palavra de outra língua), quanto mais para os que não falam o alemão; outros, até, asseveram que é intraduzível, dada a complexidade do pensamento e as dificuldades da língua ou da terminologia de Hegel; por fim, há os que afirmam que boa parte da obra hegeliana é ininteligível. Ora, teria sido isso que inviabilizou, por tanto tempo, a tradução de Hegel no Brasil? Provavelmente!⁸

Por fim, outro aspecto essencial para uma melhor aproximação da obra de Hegel é seu caráter dialetal, uma vez que o filósofo, nascido em Stuttgart, é suábio.⁹ Neste sentido, o dialeto falado por ele traz uma marca *sui generis*, uma especificidade e singularidade que se revelam em sua escrita filosófica. O escritor Haroldo de Campos (1929-2003),¹⁰ em artigo intitulado “*Hegel Poeta*”, nos informa sobre o caráter desafiador deste pensador, citando Horkheimer, o qual enfatiza a necessidade de conhecimento do dialeto suábio para se compreender o “hegelianês”. Ainda segundo Haroldo de Campos, Gadamer já havia apontado a “dificuldade translática” de Hegel.

⁸ BAVARESCO, A; KONZEN, Paulo Roberto. *Panorama Histórico da Recepção de Hegel no Brasil*. In: UTZ, K. *Sujeito e Liberdade: Investigações a partir do Idealismo Alemão*. Porto Alegre, Edipucrs, 2012, p. 107-108.

⁹ O suábio (*schwäbisch*) é um dialeto alemão que pertence ao alamânico (e ao francônio), falado na região da Suábia, Baden Wittenberg e Baviera (Sul da Alemanha). Esse dialeto caracteriza-se por ter palavras próprias, formas diminutivas, uma melodia peculiar (metafonia), vogais nasalizadas e semelhança com o saxônio, sendo considerado difícil de aprender, embora seja falado desde os operários aos médicos.

¹⁰ Haroldo Eurico Browne de Campos (1929-2003) foi um poeta e tradutor nascido em São Paulo, considerado, ao lado de Augusto de Campos, seu irmão, e Décio Pignatari, com os quais formou o grupo Noigandres, um dos representantes da poesia concreta no Brasil.

Hegel, assim como Heráclito (séc.VI a.C), o obscuro (*o skoteinós*), e seu colega da época do seminário, o poeta Friedrich Hölderlin (1770-1843), escreve de forma enigmática e mesmo poética, cuja qualidade musical nos impõe uma audiência multidimensional. Hölderlin sintetiza a cosmovisão helênica e os ideais do romantismo alemão, entre suas obras mais importantes citamos *Hiperion, o eremita na Grécia* (1797-1799) e o poema *A morte de Empédocles* (1797-1800). Vale lembrar que Hegel havia escrito em 1796 um poema dedicado a Hölderlin, chamado *Eleusis*.¹¹

Será essa a empreitada arriscada de traduzir Hegel diretamente do alemão que será levada adiante pelos filósofos e tradutores cearenses, os quais de forma pioneira assumiram tal desafio grandioso, o que pretendemos apresentar na próxima seção deste artigo.

1. As traduções e os tradutores cearenses de Hegel

As traduções de Hegel em língua portuguesa terão seu início no século XX, e, em terras brasileiras, pelas mãos do cearense Lívio Xavier em 1936. Em Portugal o filósofo só será traduzido a partir da década de 50 com as conhecidas versões de Orlando Vitorino (1922-2003) da *Filosofia do Direito* (1959) e da *Estética* (1952-1964), este em parceria com Álvaro Ribeiro (1905-1981), e, por fim, na década de 80 com Artur Mourão (1940-) com a *Enciclopédia das ciências filosóficas em epitome* (1988-92), a *Propedêutica filosófica* (1989), o *Sistema da vida ética* (1991), a *Introdução a história da filosofia* (1991) e a *Razão na história* (1995).¹²

No caso brasileiro, pretendemos nos concentrar nas primeiras traduções. Assim, nessa parte de nosso ensaio faremos inicialmente uma pequena explanação sobre a vida, a obra e alguns aspectos da tradução das obras de Hegel pelos cearenses Lívio Xavier (1900-1988), Djacir Menezes (1907-1996), José Machado (1914-1996) e Paulo Meneses (1924-2012), os quais inauguraram as traduções do filósofo alemão em nosso país, estendendo-se do início ao fim do século XX.

Esperamos com isso contribuir com a pesquisa hegeliana ao tornar compreensível como se deu o desenvolvimento das primeiras traduções em português brasileiro do filósofo de Stuttgart, suas dificuldades, especificidades e sua importância na compreensão de sua filosofia.

¹¹ Esse poema foi incluído na edição dos escritos de Juventude, HEGEL, *Frühe Schriften*, publicados pela editora Suhrkamp, recolhidos por Hoffmeister nos *Dokumente zur Hegels Entwicklung*, s.377 ff; Schüler Nr.58, August 1796.

¹² Traduções publicadas respectivamente pelas editoras Guimarães e Edições 70.

1.1. Lívio Barreto Xavier (1900-1988): o primeiro tradutor brasileiro de Hegel

Lívio Barreto Xavier¹³ nasceu em 25 abril de 1900, em Granja (CE),¹⁴ zona norte cearense. Seus pais foram dona Elisa Barreto Xavier e Ignácio Xavier. Lívio foi um dos treze filhos do casal. No início do século XX, Granja já era um centro comercial da região.¹⁵ Lívio aprendeu os primeiros conhecimentos de escrita e leitura aos quatro anos, e sem que ninguém lhe ensinasse, no escritório dos armazéns da Ignácio Xavier e Cia, seu vizinho.¹⁶

Após cursar os primeiros estudos em Granja e em Fortaleza, mudou-se para o Rio de Janeiro, lá fez o preparatório para a Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, concluindo o curso em 1924. Em 1927 filiou-se ao PCB. No final dos anos 20, correspondendo-se com Mário Pedrosa (que residia na Alemanha), tornou-se o principal interlocutor da oposição de esquerda no Brasil, ao lado de Rodolpho Coutinho. Fundou com outros companheiros os grupos comunistas Lenine e a Liga Comunista Internacionalista, dos quais se afastaria, abandonando a militância partidária em 1935. Por decisão pessoal de Trotsky, tornou-se responsável pela edição de suas obras no Brasil, traduziu a autobiografia deste líder revolucionário, *Minha Vida*.

Lívio Xavier traduziu *O Príncipe e Escritos Políticos*, de Maquiavel (Os Pensadores, 1983),¹⁷ a *Ética* de Espinosa (Athena), *Minha Vida*, de Trotsky (Paz e Terra, 1978), e muitos outros. Em especial o destacamos como o primeiro tradutor de Hegel para o português no Brasil, vertendo os três volumes da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* de Hegel em 1936, pela editora Athena (provavelmente a partir da tradução espanhola de Eduardo Ovejero y Maury). A *Enciclopédia das Ciências filosóficas em compêndio*

¹³ Sobre Lívio Xavier, conferir BARBALHO, Alexandre. *Lívio Xavier: política e cultura*. Fortaleza, CE: CASA/Expressão Gráfica e Editora, 2003.

¹⁴ Antigo aldeamento jesuíta do século XVII conhecido como “Macaboqueira”.

¹⁵ Granja era a cidade de origem do grande poeta cearense Lívio Barreto (1870-1895), que nasceu na fazenda Angicos, distrito de Iboçu, na comarca de Granja-CE. Ajudou a fundar o importante movimento literário chamado Padaria Espiritual. Publicou poemas no jornal dessa agremiação, *O Pão*. É considerado o maior poeta simbolista do Ceará, embora tenha escrito poemas românticos e parnasianos. É autor do livro *Dolentes* (1897). Lívio Xavier foi seu sobrinho.

¹⁶ Lívio Xavier, por influência de sua mãe, uma devoradora de livros, não fugiu à regra. Era conhecido como “o pequeno Rui”, devido à sua fome de leitura. Leu os portugueses Eça de Queiroz, Alexandre Herculano, Júlio Diniz, Camilo Castelo Branco, e, entre os brasileiros, José de Alencar, Manoel Maria de Macedo, Olavo Bilac, Coelho Neto, João do Rio, Júlia Lopes de Almeida, Rocha Pombo, com sua inteligência e sua “cabeça avantajada”. Foi poeta bissexto, estando alguns de seus poemas publicados no livro *Poesias*.

¹⁷ Vale ressaltar que a tradução mais reproduzida de *O Príncipe* é a de Lívio Xavier, em 11 editoras ou selos editoriais diferentes, em inúmeras e sucessivas reedições: Abril Cultural, Agir, Atena, Ediouro, Edipro, Escala, Fundação para a leitura do cego, Nova Cultural (até 1999), Pocket Ouro, Prestígio e Tecnoprint.

(1817-1830) é uma obra importantíssima, pois sintetiza de forma densa e concisa todo o sistema maduro do filósofo de Stuttgart, compreendendo a Lógica, a Filosofia da Natureza e a Filosofia do Espírito, cada uma delas em seus meandros e especificidades, incorporando os ganhos epistêmicos já desenvolvidos na *Fenomenologia* e na *Ciência da Lógica*.

No Prefácio à sua tradução, Livio reconhece a importância da filosofia de Hegel no âmbito do pensamento moderno:

Com o idealismo absoluto de Hegel a filosofia clássica alemã deu o seu produto mais perfeito, a sua última construção systemática. O systema de Hegel é o mais completamente teleológico que jamais houve (L.Herr) e é ao philosopho somente que é inteligível o espirito mysterioso do mundo – mera transposição da providencia religiosa.¹⁸

Apesar deste reconhecimento e elogio, Lívio replica a crítica marxista ao filósofo da *Enciclopédia*, ao considerar que seu sistema mistifica a dialética e inverte a ordem das razões. Para ele, como comunista, Hegel tem uma importância fundamental, mas precisa ser corrigido no modo como entendeu a relação entre racional e real. Como enfatiza,

Apesar da mystificação que sofreu a dialectica nas mãos de Hegel, é necessário notar que é ele o primeiro que lhe expoz as formas geraes de desenvolvimento de um modo completo e consciente. Em Hegel a dialectica está colocada de cabeça para baixo: é preciso invertel-a para descobrir-se o núcleo racional sob as roupagens mysticas.¹⁹

Mestre da crítica literária no jornalismo, publicou também os livros *Infância na Granja* (obra autobiográfica), *Dez Poemas* (poesias), o *Elmo de Mambrino* (coletânea de críticas, que lhe fez ganhar o prêmio Jabuti de 1976, na categoria de estudos literários) e *Tempestade sobre a Ásia* (abordando problemas da revolução nos países asiáticos) publicada em 1934 (sob o pseudônimo de L. Mantsô). Faleceu em 1988 (aos 88 anos) em São Paulo.

1.2. Djacir Menezes (1907-1996): Hegel, sua língua e vocabulário

Um dos primeiros e mais importantes estudiosos de Hegel no Ceará, e no Brasil, foi o professor Djacir Lima Menezes, nascido em Maranguape (1907) e falecido no Rio de Janeiro (1996),²⁰ tendo sido um intelectual de

¹⁸ HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia das Ciências filosóficas*. Tradução Lívio Xavier. Rio de Janeiro: Athena, 1936, p. V.

¹⁹ HEGEL, *Enciclopédia das Ciências filosóficas*. Tradução Lívio Xavier, p. V.

²⁰ Djacir fez o ginásio no Liceu do Ceará (1925). Iniciou o curso de Direito na Faculdade de Direito do Ceará e concluiu na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro em 1930. Em 1932, novamente na Faculdade de Direito do Ceará, defendeu sua tese de doutorado com o tema “*Kant e a ideia do direito*”, tornando-se professor dessa instituição. Foi ainda

formação multifacetada, sociólogo, jurista, economista, filósofo²¹ e um dos primeiros tradutores da obra do filósofo alemão.

Seu primeiro contato com Hegel se deu através do marxismo, como ele mesmo nos informa:

Aos vinte anos [1927], no último ano do curso jurídico, deu-se o encontro com Hegel. Quem me apresentou? Karl Marx. Apresentou-o a seu modo, dizendo que repusera a dialética nos seus verdadeiros pés, no que então facilmente acreditei. [...] [Mas isso] me impedia de compreender toda a amplitude do horizonte hegeliano. [...] a verdade é que só pude enfrentar o tema quando venci o preconceito marxista.²²

Sua formação passa por diversas reviravoltas, inicialmente como neopositivista, depois seguida pelo pensamento kantiano e marxista, por meio do qual chegou à filosofia hegeliana, cuja influência foi decisiva para o desenvolvimento da corrente filosófica por ele elaborada no âmbito jurídico, o culturalismo dialético.

Assim João Alfredo Montenegro resume o pensamento de Djacir Menezes:

Parece haver unanimidade relativamente aos ajuizamentos sobre a obra jusfilosófica de Djacir Menezes, admitindo-se que ela dá prosseguimento à postura cientificista de Soriano de Albuquerque. Em outras palavras, ele refaz essa postura, acrescentando-lhe a dimensão neopositivista, para depois sem se desvincular de todo o cientificismo, enveredar pelas trilhas do hegelianismo, concluindo no culturalismo dialético, expressão por ele inventada para designar a corrente filosófica por ele criada.²³

Djacir Menezes produziu obras de cunho especificamente hegeliano, tais como: *Hegel e a filosofia soviética* (1959), *A querela anti-Hegel* (1960), *Proudhon, Hegel e a Dialética* (1966), *Teses quase hegelianas* (1972), *À Sombra de Hegel (s/d)*, *Motivos alemães* (1977). Aqui, porém, nos interessa especialmente seu trabalho como tradutor de uma coletânea de textos do filósofo alemão,

membro do Instituto do Ceará e fundador da Faculdade de Ciências Econômicas do Ceará em 1938. Nos anos quarenta muda-se para o Rio de Janeiro, aprovado em dois concursos, um na Faculdade de Filosofia e outro na Faculdade de Economia na Universidade do Brasil (mais tarde Universidade Federal do Rio de Janeiro). Nessa última Faculdade torna-se catedrático de História das Doutrinas Econômicas. Além dos trabalhos acadêmicos, exerceu cargos administrativos, destacando-se como reitor da UFRJ entre 1969 e 1973. Depois de jubinado tornou-se professor emérito. Foi fundador e diretor do “Centro de Estudos Brasileiros” (em Buenos Aires) e do “Centro Cultural Brasil-Bolívia” (em La Paz).

²¹ Entre suas obras filosóficas, podemos citar: *O sentido antropógeno da história* (1959), *Evolucionismo e positivismo na crítica de Farias Brito* (1962), *Ideias contra ideologias* (1971), *O problema da realidade objetiva* (1971), *O Brasil no pensamento brasileiro* (1972), *Filosofia do direito* (1975), *Premissas do culturalismo dialético* (1979), *Tratado de filosofia do direito* (1980), *A juridicidade em Tomás de Aquino e em Karl Marx* (1982).

²² MENEZES, D. *Motivos Alemães*. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1977, p. 21.

²³ MONTENEGRO, João Alfredo S. *História das ideias filosóficas da Faculdade de Direito do Ceará*. Fortaleza: Editora da Universidade Federal do Ceará, 1996, p. 46.

Textos Dialéticos (publicado em 1969), que foi dividido da seguinte forma: *Temas históricos, temas políticos, temas estéticos e temas filosóficos*, além de uma breve apostila ao léxico filosófico de Hegel.

Na introdução desta coletânea de textos de Hegel, Djacir faz um estudo em diversos ensaios sobre temas variados, tais como: os traços biográficos do filósofo, vitalidade e negatividade do conceito, juízo predicativo e relacional, o voo da coruja de Minerva, retrato falso de Hegel, Hegel e o conservadorismo prussiano e pensamento, linguagem e tradução. Por meios destes ensaios aborda toda a singularidade do texto hegeliano, suas características essenciais e os termos alemães que perfazem o núcleo da compreensão do filósofo.

O próprio Djacir esclarece ao final da Introdução as razões que o levaram a esta tradução:

A ideia deste livro nasceu de uma conversa com Jorge Zahar a respeito da dificuldade ou mesmo da ausência de textos em português de Hegel, que conjugassem num só volume as páginas sobre temas variados onde mais se manifestasse o método dialético de tratamento. Os estudiosos e o público universitário reclamam a compilação que ora se apresenta. Não tem grandes pretensões; mas ir-se-á paulatinamente escoimando nas próximas edições, se porventura obtiver o favor de perdurar.²⁴

Após fazer referência à tradução castelhana da *Ciência da Lógica*, realizada um ano antes de sua coletânea pelo casal argentino Augusta e Rodolfo Mondolfo (em 1968),²⁵ Menezes cita ainda o caso da tradução que Hölderlin fez de Sófocles, acusado por seus contemporâneos de estar influenciado pelo “delírio poético”, desrespeitando as regras básicas da tradução.

Menezes explicita a sua escolha na tradução do filósofo, ao mesmo tempo que nos esclarece sobre suas peculiaridades linguísticas:

Pensamento é linguagem – sentencia Hegel. A robusta atividade especulativa sempre forjou seus meios expressivos. O leitor encontrará numerosas passagens em que a tradução lhe parecerá claudicante, à mingua de recursos léxicos ou sintáticos. São passagens onde a lealdade ao texto coíbiu o tradutor. Onde Hegel repete a mesma palavra com o mesmo sentido, não havia razões para fazer o contrário. No ritmo das construções, respeitamos o valor lógico das conjunções alternativas, que por vezes desempenham papel dialético, numa fina sensibilidade ao jogo dos contrários. (...) Agudamente anota ainda Koyré: contrariamente à milenar tradição da Filosofia, Hegel não pensa com substantivos, mas com verbos.²⁶

²⁴ MENEZES, D. *Textos Dialéticos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969, p. 28-29.

²⁵ Menezes refere-se à tradução da *Ciência da Lógica* para o castelhano por Augusta e Rodolfo Mondolfo em 1968, Editora Solar/Hachete, 1968.

²⁶ MENEZES, *Textos Dialéticos*, p. 32.

Não bastasse a tradução direta do alemão feita com o cotejamento das diversas traduções disponíveis (inglesa, espanhola, italiana e francesa), Djacir Menezes, não satisfeito com tamanho trabalho, resolve elaborar um pequeno léxico da terminologia hegeliana, incorporado como um anexo à sua tradução, no qual inclui conceitos como *Aufhebung*, *Bestimmtheit*, etc.

Alguns anos depois da tradução, Menezes ainda repercutirá em *Motivos Alemães* (1977) o processo de elaboração e o trabalho hercúleo que o ocupava durante longos anos sob a paciência do conceito:

Ainda não pude concluir o estudo sobre o léxico de Hegel, — tenho a safra de quase uma centena de vocábulos que fui recolhendo, durante três décadas, na leitura do filósofo. As notas remontam ao ano de 1930, quando fazia o primeiro aprendizado no texto alemão da *Wissenschaft der Logik*, edição de Felix Meiner apresentada por meu pai. Embora se refiram preferentemente a terminologia, exprimem os conceitos mais densamente significativos. Depois, as notas foram se multiplicando sempre. Comecei a comparar traduções inglesas, francesas, italianas, e, enfim, castelhanas, com as responsabilidades de McTaggart, de Johnston e Struthers, de Jankelevitch, de Coni, de Croce, de Augusta e Rodolfo Mondolfo. E então cada vez mais compreendi e senti o poderoso efeito que desempenhou o idioma alemão no trabalho especulativo de Hegel.²⁷

Entre as contribuições do filósofo cearense aos estudos de Hegel, destacamos além de sua tradução e estudos, o supracitado léxico filosófico dos conceitos alemães, o qual supre uma carência no que diz respeito à compreensão dos conceitos básicos hegelianos. Neste sentido, vale a pena referenciar a explicitação de um dos termos mais importantes do pensamento hegeliano, o conceito de *Aufhebung*, como nos esclarece Menezes:

Do verbo *aufheben*, levantar, suprimir superar. Hegel observou o duplo sentido desta e de outras vozes alemãs, denunciativas do dinamismo dialético imanente do idioma, portanto, do próprio pensamento. Daí a dificuldade dos tradutores, sugerindo termos variados, de acordo com o contexto e que se acha a palavra alemã.²⁸

Djacir Menezes exerceu assim um papel pioneiro nos estudos hegelianos no Brasil ao nos possibilitar as leituras de diversos textos hegelianos em nossa língua materna, em um período em que a sombra da ditadura militar rechaçava a filosofia do âmbito do ensino superior e básico. Somente 20 anos depois, na década de 90, a obra hegeliana encontrará novamente tradutores em português brasileiro que aliavam um profundo conhecimento da língua alemã à expertise no pensamento de Hegel: serão eles os padres José Machado e Paulo Meneses, ambos também cearenses.

²⁷ MENEZES, *Motivos Alemães*, p. 57.

²⁸ MENESES, *Textos Dialéticos*, p. 51.

1.3. José Nogueira Machado, SJ (1914-1996): A tradução da Filosofia da Natureza (*Enciclopédia*)

Pe. Machado nasceu em 04 de agosto de 1914, em Caririaçu (no sítio Farias, entre Juazeiro do Norte e Crato) no Ceará. Filho dos agricultores José Pereira Melo e Ana Machado. Sua mãe cuidou dele até completar quinze anos. A partir daí estudou no Seminário do Crato e depois com os Jesuítas em Baturité (CE). Posteriormente Pe. Machado estudou Filosofia em Braga (Portugal), Matemática e Física na Sorbonne (França). Na França estudou com o famoso físico Louis de Broglie (1892-1987), um dos criadores da mecânica quântica.²⁹ Neste processo ordenou-se jesuíta no Rio Grande do Sul em 1946.³⁰

O interesse científico de Pe. Machado estendia-se à exegese bíblica, à etimologia, à história da Igreja, à história universal e à Filosofia, além certamente da Física, da Astronomia e da Matemática. Conhecía doze idiomas: Português, Latim, Hebraico, Grego, Francês, Alemão, Inglês, Italiano, Árabe, Russo, Tupi e Esperanto.

Nos últimos anos de sua vida traduziu do alemão, em parceria com Pe. Paulo Meneses, a *Fenomenologia do Espírito* (1807) e a *Filosofia da Natureza* (2^o volume da *Enciclopédia*) de Hegel. Foi um trabalho árduo e difícil, pois como dizia o Pe. Meneses, “a maior dificuldade foi o entendimento exato do pensamento de Hegel, e em seguida foi vertê-lo para um português acessível e bonito”.³¹ No primeiro trabalho, a *Fenomenologia do Espírito*, colaborou com a tradução do 2^o volume da obra; já no segundo, *Enciclopédia das Ciências filosóficas*, dedicou-se aos três volumes como colaborador, sendo responsável pela tradução do segundo volume, *Filosofia da Natureza*.

A Filosofia da Natureza, como já dito acima, encontra-se no segundo volume da *Enciclopédia* e abarca uma gama imensa de questões que incluem a

²⁹ Louis-Victor-Pierre-Raymond ou Louis de Broglie (1892-1987), foi um físico francês que contribuiu para a formulação da teoria da mecânica quântica. Broglie recebe o Nobel de Física em 1929, pela teoria da dualidade onda-corpusculo.

³⁰ Padre José Machado estudou teologia no Rio Grande do Sul. Em 1964, com o golpe militar no Brasil, foi expulso do Recife considerado subversivo, já que colaborava com Dom Hélder Câmara. Dedicou-se à UNICAP (Universidade Católica de Pernambuco), foi professor na Universidade Regional de Campina Grande e na Universidade Federal do Piauí. Colaborou na UFPE com a pós-graduação em Física, além de se dedicar a pesquisas e discussões na área da física e da filosofia científica. Em 1989 enviou um artigo para a revista *Veja* (15/03/1989, página 1) sobre os erros de tradução do livro *Uma Breve História do Tempo*, do físico e escritor inglês Stephen Hawking. Residiu durante algum tempo na casa dos jesuítas, em Beberibe, Olinda (PE). Era considerado um homem feliz e humilde no espírito. Faleceu em Recife no dia 31 de outubro de 1996, em um acidente nas imediações do Colégio Nóbrega.

³¹ MENESES, P. O desafio de traduzir Hegel para o português, in *IHU online. Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, edição 217, 30 de abril de 2007.

Física, a Química e a Biologia, refletindo as principais teorias da natureza à época do filósofo.³² Sobre a tradução do volume sobre a Filosofia da Natureza pelo Pe Machado, nos esclarece Paulo Meneses em entrevista a IHU online (edição 217, 30 de abril de 2007):

Foi Pe. Machado que traduziu a Filosofia da Natureza porque, na opinião do Pe. Vaz, era única pessoa no Brasil capaz de fazê-lo (por conhecer tanto a filosofia, como a ciência e sua história). Eu colaborei a cada etapa, como ele mesmo reconheceu na sua introdução.³³

Na nota do tradutor da edição do segundo volume da *Enciclopédia das Ciências filosóficas em compêndio* (1830), que compreende a Mecânica, a Física e a Física orgânica, Pe. José Machado nos informa sobre a característica de sua tradução:

Essa tradução tenta antes ser literal que livre. O que pode conservar ou aumentar um tanto a dificuldade da compreensão, mas diminuindo o risco de uma compreensão desviada. Há centenas de anos foram assim traduzidas inicialmente do grego, por exemplo, para um estranho latim, muitas expressões fundamentais sobre religião, ciência, filosofia.³⁴

Pe. Machado nos mostra as dificuldades e limitações de uma tradução desta obra que, por seu caráter específico, agrega conceitos da obra hegeliana àqueles específicos da Filosofia da Natureza, uma área que tinha encontrado sua expressão mais peculiar em filósofos como Immanuel Kant (*Princípios metafísicos da ciência da Natureza*, 1786) e Friedrich Schelling (*Ideias para uma filosofia da Natureza*, 1797).

1.4. Paulo Gaspar de Meneses, SJ (1924-2012): tradutor da *Fenomenologia do Espírito*

Paulo Gaspar de Meneses nasceu em 11 de janeiro de 1924 em Maranguape, região metropolitana de Fortaleza (Ceará). Nascido no seio de uma família de intensa espiritualidade, ao completar 10 anos sua mãe ouviu de um eminente sacerdote local que o seu filho viria a ser “um santo Padre Jesuíta”. Desde então o sacerdócio tornou-se o sonho e o ideal de sua vida. Assim, na década de 1940 aos 16 anos fez o curso de noviciado. Aos

³² Como, por exemplo, a teoria de Lamarck sobre as mutações nas espécies. Sobre o tema da Natureza em Hegel, conferir a coletânea do V Congresso da Sociedade Hegel Brasileira: UTZ, K; SOARES, Marly C; BAVARESCO, A. *A Noiva do Espírito: A Natureza em Hegel*. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

³³ MENESES, O desafio de traduzir Hegel para o português.

³⁴ In HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia de ciências filosóficas em compêndio* (1830) – *Filosofia da Natureza*. Traduzido por José Machado com a colaboração de Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 1997, p. 09.

29 anos (em 1953), ordenou-se sacerdote Jesuíta.³⁵ Paulo Meneses faleceu em 10 de dezembro de 2012, aos 88 anos, na cidade de Fortaleza, Ceará.

A peculiaridade de sua obra está na síntese da tradição cristã, que une o humanismo, a cultura, e a ciência. Quando em Pernambuco, a Filosofia era vista como uma mera disciplina de ensino, Paulo Meneses desenvolvia suas atividades de pesquisa, lançando, assim, as bases para o surgimento de um pensamento próprio entre nós, brasileiros, no campo da filosofia. Além disso, foi protagonista no Nordeste ao incentivar a efetivação da pesquisa da filosofia no meio acadêmico, contribuindo com traduções de mais de 40 obras, dentre estas cerca de 30 sobre o pensamento de Hegel e Santo Tomás de Aquino.

O legado científico deixado pelo jesuíta Paulo Gaspar de Meneses soma cerca de uma dezena de livros, mais de quarenta traduções dos idiomas alemão, francês, italiano, latim e espanhol, assim como a publicação de diversos artigos, folhetos e três livros de homilias. Entre suas publicações devemos registrar os textos *Kultur, Werte und Entwicklung: die Antropologie und ihr Beitrag zum Entwicklungsprozess in Brasilien*, publicado na Alemanha no ano de 1976 na obra *Politik und Entwicklung in Lateinamerika*, p. 29-47; *L'Amérique latine n'est pas en voie de développement in Études*, abril de 1970, p. 512-521, publicado na França, e *Nacionalismo y desarrollo político*, publicado no Chile³⁶ na Revista Mensaje (setembro de 1967 p.1-8).

No campo dos estudos hegelianos deu importante contribuição, tendo publicado: *Para ler a Fenomenologia do Espírito* (1985), *Hegel e a Fenomenologia do Espírito* (2003) e *Abordagens Hegelianas* (2004). Por sugestão do

³⁵ Sua formação universitária deu-se entre 1940 e 1955 no Recife, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, os cursos de Humanidades, Letras Clássicas, Bacharelado e Licenciatura em Filosofia e Teologia. Em 1959 obteve o título em Doutor em Filosofia, na então Universidade do Recife, e na década de 60 obteve o Diploma de L'Institut d'Etudes Politiques (Paris), e em Beirute (Líbano) obteve equivalência da licença em Direito pela Universidade Saint Joseph. No período de 1956 a 1960 lecionou no curso de Filosofia da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) as disciplinas de História de Filosofia, Metafísica e Ética; nos anos de 1962 a 1964, passou a lecionar no curso de Direito da Unicap as disciplinas de Teoria Geral do Estado, Direito Constitucional e Ciências Políticas. No ano de 1965, transferiu-se para Portugal onde lecionou no Instituto de Estudos Superiores (Universidade de Évora), junto à Cátedra de Economia, coordenando ainda a seção de Política Internacional. No ano seguinte transfere-se para o Chile, lecionando no ILADES as disciplinas de Economia, Ciência Política e Relações Internacionais, permanecendo no Chile até 1970. Passou o ano de 1968 como professor visitante no Centro Intercultural de Cuernavaca (México). Em 1970, retorna ao Brasil indo lecionar no IBRADES (Rio de Janeiro), a disciplina de Ciência Política, até 1976. Em 1978 retorna à Unicap, passando a lecionar no curso de Filosofia, até a sua aposentadoria. Paulo Meneses ocupou vários cargos de gestão acadêmica, entre os quais: Diretor do curso de Mestrado no ILADES, Chile; Diretor do Centro de Pesquisa João XXIII (IBRADES), Rio de Janeiro; na Unicap foi Diretor da Biblioteca, Chefe do Departamento de Sociologia, Decano do CTCH, Pró-Reitor de Pesquisa, Presidente da Comissão Editorial, Coordenador do Núcleo de Estudos para a América Latina (NEAL), Assessor Especial do Reitor da Unicap e Diretor do Instituto de Filosofia Social.

³⁶ Revista *Mensaje*, setembro de 1967, p. 1-8.

Pe. Henrique Claudio de Lima Vaz,³⁷ Pe. Paulo efetivou sua tradução da *Fenomenologia do Espírito* em parceria com Karl Heinz Effen e colaboração de José Machado (em 1992),³⁸ além de um estudo sobre o mesmo livro que resultou no *Roteiro de leitura da Fenomenologia do Espírito* (primeiro volume da série *Filosofia* da editora Loyola), resultado de seminários que havia realizado na UNICAP (Recife).

Paulo Meneses foi responsável pela tradução da *Fenomenologia do Espírito* (1992), em um primeiro momento em dois volumes. Dez anos depois (2002) surge uma nova tradução corrigida e em volume único (cotejado com as traduções francesas de Lefebvre e Labarrière, 1991 e 1993 respectivamente, além da inglesa de Miller, 1977, e a italiana de Negri, 1973). Também traduziu *Enciclopédia das Ciências filosóficas em compêndio* (1995), ambas com a colaboração de Pe. José Machado, além da *Filosofia do Direito* (2010), com a colaboração de Agemir Bavaresco e outros, e por fim, *Órbitas dos planetas* (2012), com Danilo Vaz Curado.

A *Fenomenologia do Espírito* (1807) é, como sabemos, a obra que de certo modo inaugura e serve como a porta de entrada ao sistema de Hegel, pois nela estão presentes os principais conceitos e abordagens que serão o fio condutor das obras posteriores. A dificuldade deste texto se encontra não apenas em sua linguagem altamente técnica e própria de um filósofo especulativo, aumentando assim o desafio de sua compreensão e principalmente de sua tradução, mas principalmente pela amplitude das temáticas que desenvolve em um diálogo crítico com toda a tradição.

A respeito de sua tradução da *Fenomenologia* ele nos diz:

Como dissemos na primeira edição, traduzir é uma tarefa imperfeita por sua própria natureza. Mesmo assim, achamos que valia a pena colocar nas mãos dos estudantes essa tradução, já que se multiplicam Mestrados e Doutorados no país. Sua finalidade didática é manifesta: os períodos ciceronianos de Hegel foram divididos em frases mais curtas e claras. Queríamos traduzir Hegel para nosso idioma, e não calcar palavras de língua portuguesa sobre o arresado texto alemão.³⁹

Aliada à *Fenomenologia* a *Ciência da Lógica* (1812), mesmo em sua versão condensada na *Enciclopédia* de 1830, surge como uma obra enigmática e rigorosa para qualquer leitor não iniciado nas reflexões e no vocabulário de Hegel. Um dos grandes problemas é a compreensão e no caso a tradução do conceito *Aufhebung*, como já foi tratado anteriormente quando citamos o léxico criado por Djacir Menezes.

³⁷ O próprio Lima Vaz havia traduzido os dois primeiros capítulos da *Fenomenologia* na coleção Os Pensadores (Abril) e elaborado um artigo sobre *O Senhor e o Escravo, uma parábola da filosofia ocidental* (publicada na revista SÍNTESE, nº21), esse artigo seria inserido como introdução da edição da Vozes.

³⁸ Pe. Machado traduziu a parte do *Espírito* até o final (saber absoluto).

³⁹ In HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito* (volume único). Tradução Paulo Meneses e Karl Heinz Effen com a colaboração de José Machado. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 10.

Sobre a escolha de sua tradução do conceito alemão *Aufhebung*, Pe. Paulo nos esclarece na nota do tradutor, acrescentando a explicitação do termo *extrusão* para traduzir o alemão *Entäusserung*:

Como na nossa tradução da Fenomenologia do Espírito (Vozes, 1992), usamos suprasumir para *aufheben*, e extrusar para *entäussern*. As críticas fáceis a essas pequenas inovações não nos convenceram. O prefixo “supra” não nos pareceu despropósito, já que toda a gente diz supracitado, supra-sensível etc. Suprasumir é melhor que “sobressumir”, não só porque “sobre” tem a ressonância de “em cima”, e supra a de “acima”, mas porque a ambigüidade sumir/suprasumir fica muito bem para este “desaparecer conservante” que é o *aufheben*. Quanto à extinção, acharam a palavra forçada, quando é a própria extrusão que para Hegel é forçada, pela força (Encicl., § 401, Ad.; Fenom., § 658) e mesmo sacrifício (Fenom., § 807) que exige. O caráter “fantasioso” (sic) que encontraram nesse termo “extrusão” é pouco, comparado com o poder mágico que converte o negativo em ser” (Fenom., § 703). Persistimos no uso de “essente” para o “das Seiende”, pois achamos que tem um matiz de “no elemento do ser”, menos visível em “o que é”.⁴⁰

As traduções de Hegel realizadas por Paulo Meneses foram de suma importância para a Filosofia no Brasil em geral e para os estudos de Hegel em particular, tornando assim acessíveis importantes textos do filósofo alemão, ampliando a pesquisa e o desenvolvimento de uma verdadeira escola de pensamento dialético cearense.

O resultado da contribuição destes tradutores cearenses de Hegel tem se consolidado com a produção filosófica de outros estudiosos também das terras alencarinhas, como o filósofo Manfredo Araújo Oliveira (professor Emérito da Universidade Federal do Ceará), cuja obra dialoga de forma constante e aprofundada com a filosofia hegeliana, e a professora Marly Carvalho Soares, coordenadora do Grupo de Estudos em Hegel (GT Hegel da UECE — Ceará), cujo trabalho tem inspirado gerações de novos estudiosos do grande filósofo alemão, promovendo a pesquisa, o ensino, a produção escrita e diversas atividades acadêmicas.

Considerações finais

Como pretendemos demonstrar, a tarefa de traduzir Hegel para o português não foi um empreendimento fácil e rápido, mas um árduo trabalho de quase um século, que demandou um conhecimento preciso da língua e filosofia alemãs, uma pesquisa primorosa sobre as traduções já existentes

⁴⁰ In HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia de ciências filosóficas em compêndio* (1830) – *Ciência da Lógica*. Traduzido por Paulo Meneses com a colaboração de José Machado. São Paulo: Loyola, 1995, p. 09-10.

nas diversas línguas europeias. O trabalho dos tradutores é, desta forma, mais que uma transposição, uma interpretação do pensamento do autor para seu público em outras culturas.

Esperamos que nossa contribuição a respeito das primeiras traduções de Hegel feitas pelos cearenses possa ajudar a compreender melhor o processo de inserção da filosofia alemã e do hegelianismo em nosso país, promovendo assim um maior interesse por essa filosofia e incentivando uma leitura mais específica sobre o processo de tradução deste filósofo.

O pioneirismo dos cearenses nessa empreitada é notável e digno de louvor, pois deu margem à criação de toda uma tradição de pesquisas hegelianas em nosso Estado, ampliando assim nosso lugar e papel na grande história da Filosofia no Brasil. Esse trabalho merece nosso reconhecimento e nos estimula ao trabalho de traduzir/interpretar outras obras do filósofo de Stuttgart.

Referências

- ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução. A teoria na prática*. São Paulo: Ática, 1986.
- BARBALHO, A. *Lívio Xavier: política e cultura. Um breve ensaio biográfico*. Fortaleza, CE: CASA/Expressão Gráfica e Editora; 1ª edição, 2003.
- BAVARESCO, Agemir e KONZEN, Paulo Roberto. *Panorama Histórico da Recepção de Hegel no Brasil*. In: UTZ, K. *Sujeito e Liberdade: Investigações a partir do Idealismo Alemão*. Porto Alegre, Edipucrs, 2012.
- HARDEN, T. Filosofia e tradução: o caso especial do alemão, in *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 38, nº 2, mai-ago, 2018, p. 16-31.
- HEGEL, G.W.F. *Wissenschaft der Logik I (Werke 5)*. Frankfurt am Main: STW, 1986.
- HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito (volume único)*. Tradução Paulo Meneses e Karl Heinz Effen com a colaboração de José Machado. Petrópolis: Vozes, 2002.
- HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia das Ciências filosóficas*. Tradução Lívio Xavier. Rio de Janeiro: Athena, 1936.
- HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia de ciências filosóficas em compêndio (1830) – Ciência da Lógica*. Traduzido por Paulo Meneses com a colaboração de José Machado. São Paulo: Loyola, 1995.
- HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia de ciências filosóficas em compêndio (1830) – Filosofia da Natureza*. Traduzido por José Machado com a colaboração de Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 1997.
- HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia de ciências filosóficas em compêndio (1830) – Filosofia do Espírito*. Traduzido por Paulo Meneses com a colaboração de José Machado. São Paulo: Loyola, 1995.
- HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia das ciências filosóficas em epitome, 3 vols*. Tradução Artur Mourão. Lisboa: Edições 70.

- HEGEL, G.W.F. *Estética*. Tradução Artur Ribeiro e Orlando Vitorino. Lisboa: Guimarães Editores, 1952-1964.
- HEGEL, G.W.F. *Propedêutica filosófica*. Tradução Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1989.
- HEGEL, G.W.F. *Sistema da Vida Ética*. Tradução Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1991.
- HEGEL, G.W.F. *Ciência de la Lógica*. Traducción de Augusta y Rodolfo Mondolfo. Buenos Aires: Solar/Hachete, 1968.
- HEGEL, G.W.F. *Linhas fundamentais da Filosofia do Direito*. Tradução Paulo Meneses et alii. São Leopoldo/RS: Unisinos, 2010.
- HEGEL, G.W.F. *Órbitas dos planetas*. Tradução Paulo Meneses e Danilo Vaz Curado. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2012.
- MENESES, P. O desafio de traduzir Hegel para o português, in *IHU online. Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, edição 217, 30 de abril de 2007.
- MENESES, P. *Para ler a Fenomenologia do Espírito*. São Paulo: Loyola, 1985.
- MENESES, P. *Hegel e a Fenomenologia do Espírito*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- MENESES, P. *Abordagens hegelianas*. Recife: Unicap, FASA, 2004.
- MENEZES, D. *Textos Dialéticos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- MENEZES, D. *Motivos Alemães*. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1977.
- MONTENEGRO, João Alfredo S. *História das ideias filosóficas da Faculdade de Direito do Ceará*. Fortaleza: Editora da Universidade Federal do Ceará, 1996.
- TWAIN, Mark. *The Awful German Language / Die schreckliche deutsche Sprache* (Englisch-Deutsch) Übersetzt und kommentiert von Holger Hanowel, Ditzingen: Reclam, 2018.
- UTZ, K; SOARES, Marly C; BAVARESCO, A. *A Noiva do Espírito: A Natureza em Hegel* (V Congresso da Sociedade Hegel Brasileira). Porto Alegre: Edipucrs, 2010.